

BIBLIOTECAS PÚBLICAS: ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIA

Daniele Achilles

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Memória Social – UNIRIO

Email: daniele.achilles@unirio.br

Jô Gondar

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO

Email : jogondar@uol.com.br

RESUMO: Aborda a biblioteca pública enquanto instituição social, cultural e de memória. Investiga que questões emergem da perda de experiência compartilhada que afetam diretamente o exercício da cidadania trazendo implicações para a atualização do conceito e dos usos das bibliotecas públicas na sociedade de controle. Apresenta o conceito de experiência situado na obra de Walter Benjamin e enfatiza as novas possibilidades criativas para a atualização do conceito de biblioteca pública.

Palavras-chave: Biblioteca Pública. Biblioteca Pública – Instituição social e de Memória. Experiência. Cidadania.

ABSTRACT: Approach the public library as an institution, cultural and social memory. It Investigate some questions about issues that emerge from the loss of shared experience that directly affect the exercise of citizenship, bringing implications for updating the conceptual understanding and uses of public of libraries in society of control. It introduces the concept of experience locates in the work of Walter Benjamin and emphasizes the new creative possibilities for updating the concept of public library.

Key-words: Public Library. Public Library – Social Institution and Memory. Experience. Citizenship.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o Brasil dispõe de 6.102 bibliotecas públicas municipais, distritais, estaduais e federais, conforme indicação do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, mas ainda não conseguimos tornar essas bibliotecas espaços onde se privilegie a experiência e o exercício de cidadania. São vistas como espaços nada dinâmicos e que não possibilitam o acesso aos inúmeros suportes dos registros do conhecimento. Assim esbarramos na máxima: para que elas servem? E, em outros questionamentos explícitos quando avaliamos sua missão e funções, produtos e serviços, enfim seus variados usos e definições.

Partindo da idéia de que o maior dos problemas enfrentados pelas bibliotecas públicas brasileiras seja a falta de atualização em sua definição e usos e, ainda a falta de participação na construção da vida social propomos pensar essa instituição

social, cultural e de memória de forma a destacar perspectivas teóricas que podem auxiliar na atualização do seu entendimento conceitual e de seus usos. Focalizaremos as relações entre experiência, informação e exercício da cidadania.

Aqui temos como objetivo determinar possíveis nuances presentes nessas bibliotecas que afetam diretamente as comunidades que elas atendem. Enquanto instituições, são essenciais a formação da sociedade, porque interferem e participam do processo de formação e organização social. E desempenham ações direcionadas que se ligam diretamente ao exercício da cidadania e também o impulsiona, como o incentivo às práticas leitoras e o desenvolvimento da cultura escrita.

Assim, desejamos abordar a biblioteca pública como conceito ; apresentar as elaborações teóricas produzidas por Walter Benjamin sobre a experiência e, ainda, destacar as possibilidades para a construção de um novo olhar que refere-se a atualização do conceito de biblioteca pública, bem de seus usos.

A BIBLIOTECA PÚBLICA COMO CONCEITO

Para entender a biblioteca pública enquanto conceito devemos efetivar uma distinção básica : entre seu sentido comum pode ganhar definições e funções que nos remetem às bibliotecas de um tempo histórico anterior ao nosso. Torna-se comum que indivíduos sociais a enxerguem como espaços eruditos, de castigo, de silêncio, de estudo que podem estar efetivamente desconectados da vida social. As acepções indicadas pelo senso comum afastam a biblioteca de uma aproximação com a comunidade que serve, e dificultam sua participação na formação e organização social. E muitas vezes estão aquém das necessidades e expectativas dos indivíduos.

Em seu sentido mais acadêmico, o conceito de biblioteca pública se apresenta de diferentes formas que podem explicitar sua relação com a memória e identidade, revelando suas intencionalidades, abordando sua face cultural, por exemplo. No entanto, atribuir um conceito a essa instituição significa também delinear o conceito pensando em que posição teórico-metodológica será tomada. Aqui, nosso posicionamento é a partir do movimento pós-estruturalista enfatizado por Deleuze, entre outros autores. Logo, conceito “biblioteca pública” é considerado fluido e polissêmico, porque comporta uma variedade de sentidos. Segundo Medeiros:

O conceito de biblioteca pública no Brasil é fluido. Instituições ligadas à saúde, à educação, ao transporte, e tantas outras, possuem identidade definida. A população conhece de antemão o que se espera dessas instituições, há um *modus operandi* que perpassa todas elas, independentemente da qualidade do serviço. Da biblioteca pública, no entanto, não se sabe o que esperar. As bibliotecas públicas brasileiras não têm face; nem para as autoridades, nem para o público e nem até mesmo para os funcionários. É uma instituição que sofre, historicamente, de crise de identidade. Da mesma forma, os prédios, as atividades, os acervos e o corpo técnico, salvo raras exceções, não atendem ao preceito de serviço público voltado para o atendimento das necessidades de informação e conhecimento da comunidade (MEDEIROS, 2010, p. 12).

Medeiros (2010) descreve o problema das bibliotecas na atualidade - a crise de identidade. Mas, essa constatação vem sendo desvelada lentamente ao longo dos anos. Muitas delas, com o intuito de superar essa crise acabam se ancorando e reproduzindo as orientações contidas em documentos considerados oficiais, como o Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas publicado em 1994. Eles servem de parâmetro para as bibliotecas brasileiras. Assim, as bibliotecas buscam uma ancoragem espaço-temporal, objetivando se equilibrar e reencontrar sua identidade institucional para circunscrever suas propriedades e limites novamente.

Ainda podemos definir as bibliotecas públicas a partir de uma visão simplória, a de que são instituições mantidas pelo poder público em diferentes esferas (municipal, estadual ou federal) que propiciam livre acesso à informação e ao conhecimento. Mas, essa é uma visão um tanto reducionista, é preciso ir além, admitir a crise e o abismo que os novos tempos vem conjecturando. Dessa maneira, é possível construir um novo olhar que privilegiam uma atualização/construção do entendimento conceitual a partir de suas singularidades.

BIBLIOTECAS PÚBLICAS : ENTRE A EXPERIÊNCIA E A INFORMAÇÃO

A opção dessa pesquisa foi analisar o conceito e usos atribuídos às bibliotecas públicas no século XXI, isto é, na sociedade de controle, enfatizada por Deleuze. Assim, torna-se possível evidenciar as disposições econômicas, políticas, sociais, culturais e informacionais presentes nesse tipo de sociedade que subsidiarão o desenvolvimento da narrativa que desejamos produzir. Na prática o

que ocorre com essas bibliotecas é uma ‘paralisação’ dessas instituições frente às demandas informacionais atuais. A *International Federation Library Association* aponta que a biblioteca pública é:

Porta de acesso local ao conhecimento – fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais (IFLA/UNESCO, 1994, p. [1]).

A IFLA/UNESCO confere à biblioteca pública uma força enquanto instituição social que deve atuar na educação, cultura e informação. Esta ‘paralisação’ das bibliotecas e de seus atores se deve a uma série de questões ligadas às políticas públicas, a falta de conscientização política dos profissionais e da própria sociedade, falta de recursos, etc. Percebemos que bibliotecários, pesquisadores e a própria Biblioteconomia como um campo científico também, vem se ocupando mais das ideias e ações ligadas a organização do que propriamente das ideias que conduzem a uma construção epistemológica do seu campo de saber.

A opção em questionar os usos e próprio conceito de biblioteca pública na contemporaneidade é decorrente do fato de acreditarmos que desde o século XIX grandes transformações propiciaram uma série de mudanças que atingem não só os indivíduos sociais, mas também as instituições. Alertando para o declínio da experiência que vem sendo vivida pelos indivíduos em todos os sentidos, e que afeta essencialmente o ritmo e os modos de vida.

Em diferentes momentos constatamos que existem diversas coordenadas políticas, sociais, econômicas, culturais e informacionais que determinam os modos de vida, isto é, os modos de ver, agir, lembrar e esquecer, que se pelo campo social e é transmitido através de gerações. Em alguns momentos da história, esses modos de viver constituem a identidade; em outros, as maneiras de viver dos indivíduos e grupos sociais se ligam mais as práticas que definem apenas um lugar social.

As formas de viver e de construir a própria vida fazem parte da construção social e da memória, como alerta Foucault. No âmbito das instituições sociais, a relação delas com a informação e com o conhecimento interfere na constituição dos modos de vida, devido a relevância social adquirida através mediação dos em recursos disponíveis em face das necessidades da comunidade, atingindo o modo

de seleção, organização e disseminação das informações inerentes a composição do tecido social.

A informação e o conhecimento influi na constituição dos modos de vida e influencia os processos de experiência vividos pelas sociedades. O declínio da experiência e a conseqüente positivação de novas formas de experiências segundo Benjamin, pode conferir às bibliotecas públicas uma nova imagem de pensamento, fazendo com que se distanciem dessa 'paralisação' frente às demandas atuais que emergiram com o surgimento da sociedade de controle.

Com as mudanças ocorridas desde o século XIX, percebemos que o mundo está marcado por um modo de produção "invasivo", onde o desenvolvimento social e econômico intensifica a aquisição, o armazenamento, o processamento, a valorização, a transmissão, a distribuição e a disseminação da informação. A informação começou a desempenhar um papel central na atividade econômica porque possibilita a apropriação e a geração de novos conhecimentos de forma mais rápida. E interfere no estabelecimento de novas formas de produção do conhecimento e de novos elementos que definem a qualidade de vida e satisfazem as necessidades dos indivíduos e de suas práticas culturais. Isso ocorreu devido à emergência por informações mais pontuais e esvaziadas de um sentido mais completo. Para Benjamin, "no interior de grandes períodos históricos, transforma-se com a totalidade do modo de existência das coletividades humanas também o modo de sua percepção. O modo como a percepção humana se organiza" (2014, p. 25).

As transformações na esfera econômica influenciaram outras esferas: a social, a política, a cultural e a informacional e indicaram outros fatores determinantes para a produção dos modos de vida. Ao analisarmos as formas de produção de subjetividades, notamos que essas transformações e as dinâmicas de funcionamento da sociedade se tornam cada vez mais explícitas na medida em que também se modificam, porque interferem em sua definição, atuação e processos de experiências e percepções construídas por meio dessas instituições.

As emergências derivadas dessas transformações se intensificaram na sociedade de controle. Tudo isso atingiu a biblioteca pública, e seus modos de armazenamento, organização, acesso, recuperação, uso e produção de novas informações e conhecimentos, gerando a crise destas instituições. A identificação dos inúmeros problemas e dificuldades enfrentadas ocorre devido à mudança de lógica, ou seja, perdemos um pouco os hábitos, as percepções e os modos de

organização que tem seu sentido ligado à lógica da narração. Assim a lógica da narração foi perdendo espaço para a lógica da informação, o que clarifica as conseqüentes transformações dos processos de experiência e percepção. Segundo, Benjamin:

O narrador – por mais familiar que nos soe esse nome – não está absolutamente presente entre nós, em sua eficácia viva. Ele é para nós algo distante, e que se distancia cada vez mais. [...] Vistos de uma certa distancia, os traços grandes e simples que caracterizam o narrador destacam-se nele. Ou melhor, esses traços aparecem como um rosto humano ou um corpo animal aparecem num rochedo, para um observador localizado numa distância apropriada e num ângulo favorável. Essa distância e esse ângulo de observação nos são impostos por ma experiência quase cotidiana. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 2012, p. 213).

Benjamin (2012) alerta para o declínio da experiência comunicável, aquela transmitida pelos narradores, e exemplifica pelo camponês sedentário, pelo marinheiro que vem de longe. Benjamin declara:

A arte de narrar aproxima-se de seu fim porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Mas este é um processo que vem de longe. E nada seria mais tolo do que ver nele um ‘sintoma de decadência’, e muito menos de uma decadência ‘moderna’ (2012, p. 213).

Ao constatar as relações entre as transformações econômicas, o declínio da experiência, a passagem da lógica da narração para da informação conseguimos olhar para nosso objeto de pesquisa, e, perceber o quanto essas questões estão intimamente ligadas às bibliotecas, bem como intensificam as possibilidades de reflexão e compreensão, de modo a permitir a criação novos entendimentos, e ainda de propor novos usos para talvez conseguir alinhá-la a realidade da sociedade de controle.

O principal problema identificado está na constituição do exercício de cidadania. Que abarca atividades-chave: o incentivo às práticas leitoras e o desenvolvimento da cultura escrita, fundamentais para que as bibliotecas possam admitir que o momento histórico seja outro, que não devem ser conduzidas por definições e usos passados; que as transformações no domínio da experiência e

percepção passaram a existir. Acentuar o exercício da cidadania nas bibliotecas públicas pode possibilitar a construção da ideia biblioteca em devir.

A partir do declínio da experiência e posituação das novas formas de experiência, que a operacionalização das atividades de leitura e escrita são atingidas e influenciam no exercício da cidadania. Propomos investigar as mudanças que nos impuseram a necessidade de buscar aspectos que compõem as bibliotecas públicas e que não mais dão conta de desempenhar suas funções na atualidade. Assim, é possível entender melhor as questões revelam sua precariedade. Considerando que existe um incômodo descrevemos a seguinte indagação: por que as bibliotecas públicas deixaram de fazer sentidos em nossas vidas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Benjamin se dedica em muitos dos textos ao conceito central de sua filosofia – *Erfahrung* (experiência) e apresenta que o enfraquecimento da *erfahrung* no mundo capitalista moderno e isso acontece em detrimento de um novo conceito, a *erlebnis* (experiência vivida), característica do indivíduo social atual. Com isso, segundo Gagnebin (2012), Benjamin esboça a urgência de sua reconstrução para garantir uma memória e uma palavra comuns, malgrado e desagregação e o esfacelamento social. Isso significa dizer que o fracasso da *Erfahrung* acompanha as novas formas de experiências e narratividades.

É a partir dessa concepção sobre experiência iremos admitir novos olhares para as bibliotecas públicas. Acreditamos que elas ficaram presas a impossibilidade da experiência tradicional e não deram conta de repensar epistemologicamente as novas experiências e narratividades produzidas na sociedade industrial e reconfiguradas na sociedade de controle. Assim, queremos apresentar novos entendimentos e usos que poderão modificar o universo das bibliotecas públicas.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, v. 1).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

GAGNEBIN, J. M. **história e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

IFLA. **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas**. 1994. Disponível em: <IFLA/Unesco<<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

PETIT, M. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.